

Boletim do Núcleo de Agronegócio - Ano IV nº 001 18/01/2010 - Fone: 3340 3081

Cotação de Preços (18/01/10)	R\$	Recortes
GRÃOS (Preço líquido pago ao produtor)		Incrá passa a emitir certificado de cadastro de imóvel rural pela internet
Feijão Carioca ¹ - R\$ 60,00 / sc de 60 kg	xx	Os empréstimos, negócios e transferências ligados a imóveis rurais poderão ser feitos com maior agilidade a partir de agora, com a emissão pela internet do Certificado de Cadastro de Imóvel Rural (CCIR). O documento é exigido pela área de crédito dos bancos ou pelos serviços cartoriais que precisam da comprovação de dados do Sistema Nacional de Cadastro Rural. Fonte: AGROSOFT
Milho ² - R\$ 15,50 / sc de 60 kg	↓	
Soja ² - R\$ 37,00 / sc de 60 kg	↓	
HORTALICAS³ (Preço líquido pago ao produtor)		
Alface - R\$ 8,00 / cx de 7 kg	→	
Beterraba - R\$ 23,00/ cx 20 kg	↑	
Cenoura - R\$ 17,00 / cx 20 kg	→	
Chuchu - R\$ 17,00 / cx 20 kg	↑	
Couve Manteiga - R\$ 0,54 / (maço 500 g)	→	
Couve Flor - R\$ 17,00 / Dz	↓	
Mandioca - R\$ 8,00 / cx 20 kg	→	
Morango - R\$ xxx / caixa (04 cumbucas de 350 g)	xx	Carrapato bovino está cada vez mais resistente Considerado o parasita bovino de maior impacto econômico no Brasil - estima-se que os prejuízos provocados por infestações em rebanhos sejam superiores a US\$ 2 bilhões por ano -, o carrapato bovino (<i>Boophilus microplus</i>) preocupa cada vez mais os pesquisadores. O que torna o problema mais grave é o fato de a praga estar cada vez mais resistente. Fonte: Estadão
Pimentão - Campo R\$ 8,00; Estufa R\$ 13,00 / cx 12 kg	→	
Quiabo - R\$ 13,00 / cx 12 a 14 kg	↓	
Repolho - R\$ 10,00 / sc 20 kg	→	
Tomate - R\$ 20,00 / cx 20 kg	→	
FRUTICULTURA³ (Preço líquido pago ao produtor)		
Goiaba - R\$ 20,00/ cx 20 kg	↓	
Maracujá - R\$ 1,50 / kg	↑	
Tangerina Ponkan - R\$ xxx/ cx 20 kg	xx	
Limão - R\$ 6,00 / cx 20 kg	↓	
PECUÁRIA		
Bovino		
Arroba ⁴ - R\$ 70,00 Não Rastreado e R\$ xxxx Rastreado	↑	Análises apontam uso consciente de agrotóxicos em morangos e tomate Análises laboratoriais feitas para o Projeto Alimento Seguro (PAS), implantado este ano pelo Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA) para monitorar o uso de agrotóxicos nas culturas de morango e tomate apontaram que, cada vez mais, produtores destas culturas estão fazendo uso consciente destes produtos. Das 138 amostras coletadas de maio a novembro deste ano, 125 (90,5%) estavam conformes - dentro da quantidade de resíduo permitido por lei e utilizando o produto indicado para a cultura Fonte: Agrosoft
Bezerro 8 a 12 meses (nelore ou anelados) ⁵	→	
- R\$ 550,00 - 600,00	→	
Leite		
Litro ⁶ - Latão: R\$ --- ; Tanque: R\$ 0,68	→	
Suíno ⁷ - Vivo		
Kg - R\$ 2,53	↓	
Aves ⁷ - Frango Vivo		
Kg - R\$ 1,61	→	
-- Galinha Caípira ⁸		
Unidade (± 1,7 Kg) - R\$ 22,00	→	
Carneiro ⁹		
Kg - R\$ 3,50 (Borrego) - carcaça R\$ 7,00; R\$ 2,50	→	
ovelha e carneiro para descarte - carcaça R\$ 5,80	→	
Peixe ¹⁰ (Tilápia) (Preço líquido pago ao produtor)		
Kg - R\$ 2,90	→	
Avestruz ¹¹ - vivo		
Kg - R\$ xxx	xx	Recuperação de pastos pode ter influência em 76% da redução de gases no Brasil Além de gerar baixo desempenho econômico para o pecuarista, as pastagens degradadas se tornaram elemento-chave em um mundo preocupado com as mudanças climáticas. A recuperação delas e a integração lavoura-pecuária (ILP) - duas tecnologias disponíveis que contribuem para a resolução do problema - vão, juntas, responder por cerca de 12% do compromisso voluntário do governo brasileiro de reduzir em até 38,9% a emissão de gases de efeito estufa até 2020, segundo proposta do Ministério do Meio Ambiente (MMA). Fonte: Agrosoft
Receita normatiza isenção para carne		
A Receita Federal regulamentou, a isenção de Programa de Integração Social (PIS) e Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) para a venda de bovinos, carnes e couros. A medida foi publicada no Diário Oficial da União por meio da instrução normativa nº 977/2009.		
Fonte: Agencia Brasil		

FONTES: 1 CIFEIÃO; 2 COOPA-DF; 3 CEASA-DF; 4 FRIGOALFA / FNP; 5 SR EZIO - Padre Bernardo; 6 ARAGUAIA; 7 ASA ALIMENTOS; 8 CHAC . FELICIDADE; 9 LM; 10 SAN FISH; 11 COCAPLAC (p/Associado). **Varição em relação à semana anterior** ↑ (alta) → (estável) ↓ (baixa)

(*) Não incluso Frete + Imposto

Estratégias cada vez mais agressivas para a compra de terras

Fundos internacionais de peso têm adotado estratégia cada vez mais agressiva de investir na aquisição de terras no Brasil. Dedicados inicialmente a comprar fazendas em países africanos, asiáticos e do Leste Europeu, fundos de investimentos de bancos, empresas e trabalhadores aproveitaram a ressaca da crise financeira global para reforçar a aposta na produção de alimentos em terras brasileiras.

Levantamento inédito da influente ONG de pesquisas e análises Grain, sediada na Espanha, mostra que um quarto dos 120 principais investidores corporativos globais já têm um pé no Brasil. Esses fundos de investimento, pensão, "private equity" (participação acionária) e "hedge" (proteção) identificados controlam US\$ 10 bilhões em recursos aplicados na aquisição de terras, produção de grãos, florestas industriais e participações em empresas do agronegócio ao redor do mundo.

A tendência relatada pela ONG espanhola aponta para uma corrida global por aquisição de terras em várias regiões do planeta. Missão brasileira ao Oriente Médio no início de novembro detectou forte interesse de fundos e bancos da Arábia Saudita e Emirados Árabes em comprar ativos no Brasil. E o Banco do Brasil apresentou seus planos aos sauditas para criar um fundo de investimento em participações que abrigaria capitais estrangeiros no agronegócio.

O fundo seria uma espécie de "espelho" do recém-lançado "FIP-Agro", ainda em fase de captação de recursos. Poderia ter, segundo relatos, até R\$ 400 milhões para acomodar o assédio de fundos estrangeiros por investimentos em terras e empresas nacionais. "Os sauditas estão com um foco muito grande em segurança alimentar porque têm problemas com água, o que deve levar o país a reduzir sua produção agrícola em breve", diz o diretor da Associação dos Produtores de Soja de Mato Grosso (Aprosoja), Ricardo Tomczyc, que esteve na missão patrocinada pelo Ministério da Agricultura.

Os produtores começam a desenhar modelos de investimento para atrair esses recursos em parcerias nas empresas ou em logística.

Os investidores apostam na elevação da demanda por alimentos que manterá os preços das commodities em alta. Isso daria uma base sólida para altas taxas de retorno. Alguns fundos esperam taxas acima de 25% ao ano. "Quem controlar recursos essenciais como terra e água poderá fazer 'hedge' contra a inflação. Além disso, os valores da terra não sofrem fortes variações de outros ativos como ouro e moedas, o que garante a diversificação da carteira de investimentos", diz o estudo da Grain.

Um exemplo desse movimento é o fundo AC Agri Opportunity, criado pela alemã Aquila Capital, administradora de US\$ 2,4 bilhões. O fundo tem US\$ 400 milhões para investir em terras para produção de leite, carne, cana-de-açúcar e grãos. E espera um retorno de 25% em seu investimento na Brazil Agrifund (BAF) nos próximos cinco anos. O britânico Agrifirma, que tem participação da família Rothschild, já comprou 42 mil hectares de terras no Oeste da Bahia.

E o Calyx Agro, que tem Louis Dreyfus e AIG como cotistas, já investiu US\$ 120 milhões na aquisição de 60 mil hectares. O "hedge fund" americano Galtere comprou, em parceria com o Harvest Capital, 25 mil hectares para produzir soja e arroz no Brasil. O Goldman Sachs comprou fatias nas usinas Santelisa Vale e CNAA. O Grupo Iowa tem parceria com a Cargill para produzir algodão, soja e milho em 9 mil hectares.

Um fundo do Morgan Stanley adquiriu 40 mil hectares de terras no país e o português Quifel Natural Resources tem 50 mil hectares de dendê na região Norte. O fundo de "private equity" chinês SinoLatin Capital reservou US\$ 200 milhões para comprar participação em uma empresa de soja no Brasil.

Há quem veja perigo nesse movimento global dos fundos. "É uma tendência que preocupa porque aqui a terra ainda é barata se considerarmos capacidade produtiva, clima e condições de produção", diz o diretor da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), Ademiro Vian. "O mundo vai precisar duplicar a oferta de alimentos nos próximos 15 anos. E terra só tem aqui".

Vian afirma que o que está ocorrendo é uma "transferência de patrimônio", já que, na prática, investidores compram a terra de proprietários endividados, renegociam os débitos com os credores e o ativo acaba saindo quase de graça. "E são grandes glebas voltadas à exportação. Podemos virar um quintal produtivo para países ricos, com terras ocupadas por multinacionais em uma grande escala de concentração", observa ele.